

# ENTRE O REFÚGIO E O DESTERRO: ANÁLISE DA NARRATIVA TESTEMUNHAL DE JOSEF DAVID YAARI

*Rinaldo Correr\**

## 1 INTRODUÇÃO

Sem a intenção de pasteurizar os elementos essenciais desse encontro, O método escolhido foi a Hermenêutica de Profundidade (HP), proposta por John Thompson. A HP é um referencial metodológico amplo, que prioriza o estudo da produção de sentido, através das Formas Simbólicas a partir da Tríplice Análise que contempla a Análise Sociohistórica, Análise Formal ou Discursiva e a Interpretação e Re-interpretação. As Formas Simbólicas (imagens, textos, falas, ações) são formuladas e recebidas em contextos específicos e, muitas vezes, diversos. Enquanto construções significativas, estruturadas, inseridas em condições sociohistóricas, as Formas Simbólicas são compreendidas e interpretadas por quem as recebe e as produz. Dessa maneira, pesquisar e produzir conhecimento emerge como a procura pelos processos de sentido que se configuram nos cenários sociais, em que interagem sujeitos, produzindo

\*Doutor em Psicologia Social – Instituto de Psicologia USP. Coordenador do Curso de Psicologia – FIB/Bauru. Docente – Curso de Direito – FIB/Bauru.

e sendo interpelados por formas simbólicas. Tecer os elementos de sentido, desfiados e enredados no universo os quais se produzem na sua relação com os eventos. O fenômeno – ou a apreensão que temos dele – é o registro subjetivo, no nível do sentido, desses eventos. Para tecer os elementos de sentido, uma das opções que se colocam na pesquisa social é a realização de um processo hermenêutico crítico, em que não se desvelam sentidos, mas se propõem sentidos viáveis, para avançar na compreensão do fenômeno, sugerindo uma verdade plausível, mesmo que provisória (VERONESE e GUARESCHI, 2006).

A narrativa <sup>1</sup> vicejou numa manhã do outono, por entre céu azul de maio e vento morno que derruba lentamente as folhas das árvores. E o mundo respirava lentamente, em movimentos de vida, que se apresentava em promessas. Na disposição interna para encontrar respostas muito valorosas, o universo parecia uma sincronia latente de uma ordem misteriosa, incalculável e intangível, contudo, profundamente real. A modernidade, expressa pelas linhas digitais, por notícias teimosamente reiteradas na tela do computador, descortinava os enlaces diacrônicos das vidas que giram em torno dessas forças, em forma de sentidos e narrativas, que se movem pela busca incessante de um mundo melhor, vivido nas intensidades de cada vida e enredadas pelo sonho da paz. No curso da perplexidade dos versadores dessa prosa, uma profunda dor filosófica. A temporalidade, assim é atravessada pelo círculo das indagações. Esses seres-aí-no mundo, de carne e osso, configuram a reminiscência viva das encruzilhadas vividas pela humanidade no século XX. No percurso, o curso das interrogações norteadoras.

Assim, este texto pretende contribuir para o encontro de 3 pontos, os quais pretende-se alinhar o fenômeno atual do desenraizamento, o impacto na constituição da subjetividade e as relações possíveis com os direitos humanos.

## 2 1ª QUESTÃO NORTEADORA: QUAL É A RESPOSTA QUE PODEMOS DAR NUM MUNDO QUE SE AFASTA CADA VEZ MAIS DA SUA PRÓPRIA HUMANIDADE?

No mundo atual, especialmente nos últimos cinco anos, a Europa assiste assombrada um processo migratório: refugiados do mundo inteiro cruzam

---

<sup>1</sup> Este ensaio é o resultado da interlocução que tive com Josef David Yaari, Professor (...)

as fronteiras bem montadas da União Europeia para reclamar seu quinhão, no saldo do que a humanidade produziu. Um discurso social impera, entre o vociferar e o balbucio, entre o dito e o calado: *seria muita pretensão, dessa gente retirante e sem mérito, pensar a partir da ideia de saldo; melhor falar em despojos, migalhas do que sobra de uma sociedade que está tão bem montada no sucesso*. Olhando por um outro prisma, *esses invasores*, são pessoas sem qualquer rumo ou projeto. Como recebe-los? Como acolher tantos em lugares já bem demarcados pelo território da propriedade privada? Como inserir tanta gente sem qualificação em um espaço, já por demais, ocupado e desgastado? O que podemos oferecer?

O crescimento exponencial de migrantes forçados em todo o mundo se justifica pelas crescentes ocorrências catastróficas no aspecto humanitário, como: crises, conflitos políticos e sociais, guerras e desastres naturais. Em 2015, migrações forçadas alcançaram 65,3 milhões de pessoas no final do ano. O Brasil também vem sendo impactado por esse novo fluxo migratório internacional. Segundo dados do CONARE (Conselho Nacional de Refugiados, 2016), o Brasil possui, atualmente (junho de 2016), 8.863 refugiados reconhecidos, de 79 nacionalidades distintas (28,2% deles são mulheres) – incluindo refugiados reassentados. Os principais grupos são compostos por nacionais: da Síria (2.298), Angola (1.420), Colômbia (1.100), República Democrática do Congo (968) e Palestina (376). O Brasil é signatário dos principais tratados internacionais de direitos humanos e é parte da Convenção das Nações Unidas de 1951 sobre o Estatuto dos Refugiados e do seu Protocolo de 1967. O país promulgou a sua lei de refúgio (nº 9.474/97) adotando a definição ampliada de refugiado estabelecida na Declaração de Cartagena de 1984, que considera a “violação generalizada de direitos humanos” como uma das causas de reconhecimento da condição de refugiado. (GALINA et al., 2017, p. xx)

Quantas crianças, para apelar para nossa sensibilidade afetiva, vivendo sob a égide da guerra, da violência, da fome, da miséria e do abandono?

Este cenário está distante? Perdido, asséptico, nas fronteiras mediterrâneas que dividem norte e sul, Europa e África? Por certo, não. Bem perto, com certeza. Na fronteira com a Venezuela. Na fronteira sutil e marcante entre os bairros requintados do Rio de Janeiro e os bolsões de pobreza, visíveis das sacadas, menos valorados que a vista para o mar. Nos recônditos das fábricas noturnas, na cidade de São Paulo, em que clandestinas máquinas de costuras são pilotadas por famílias inteiras de bolivianos. No Largo do Paissandu, a amostra

viva dessa proximidade: as crianças são exposição dramática desse espetáculo, sem lar, excluídas das réstias de dignidade. Nos bairros de Bauru, muros se erguem em nome da segurança.

### 3 2ª QUESTÃO NORTEADORA: QUAL É O POTENCIAL HUMANO DIANTE DA COMPLETA AUSÊNCIA DE PERSPECTIVA? ESTAMOS PREPARADOS PARA RECEBER ESSA NOVA DIÁSPORA?

Um ponto se levanta nessa reflexão analítica. A pedagogia da Emergência, de Reinaldo Nascimento.<sup>2</sup> O que se faz diante da brutalidade sofrida por crianças no quatros quadrante da terra? No Iraque, destruído pela guerra, um menino se aproxima atordoado. Vem por que ficou sabendo que atendiam crianças. O que fazer diante desse cenário de completa falta de esperança? Quais caminhos para a percepção de uma completa falta de caminhos? Amparado pelo princípio que o guia, na emergência de uma pedagogia do aqui e agora, *sem frescuras* teóricas ou metodológicas, essa criança é acolhida no desespero de ambos. Portadora de sua própria biografia, repleta de traumas e sofrimentos, é acolhida na sua inteireza. O que se faz? Brincar. O brincar reduz o desespero compartilhado entre o educador e o educando. Ambos subvertem o subproduto da própria humanidade. Acolhe e brinca. No aqui e agora, a consciência se desdobra num fazer alegre. No ser-aí-no tempo, apontado por Heidegger, um e outro se encontram naquilo que é possível, tanto na temporalidade quanto no potencial que se atualiza e possibilita o reencontro com o ser (ROEHE e DUTRA, 2014)

---

2 Graças à sua experiência, Ruf sabia que nas fases iniciais do trauma é relativamente fácil ajudar uma criança a superar uma experiência difícil e incorporá-la de forma positiva à própria biografia. Ele também tinha consciência de que se demorasse muito, o trauma poderia se tornar crônico. O trabalho seria mais difícil e as sequelas, mais graves. O professor retornou para a Alemanha e, algumas semanas depois, embarcou novamente para Beirute, acompanhado de um grupo de pedagogos e terapeutas empenhados em utilizar os recursos da pedagogia Waldorf para ajudar a cicatrizar as feridas emocionais das crianças e jovens da região. Nascia assim o primeiro impulso da pedagogia de emergência.

Em meio a uma sociedade que caminha para uma guerra de todos contra todos, as brigas são apoiadas em sutilezas e quinquilharias totalmente banais, besteiras.

Em breve, assistir-se-á o emergir de sombras que existem na constituição humana, o pior que pode existir em todos nós. A consciência destes caminhos e possíveis desfechos, quando chegarem as crianças, a alguns metros da minha casa, separadas com grades cada vez mais altas, será traduzida no dilema: como responder a esses seres humanos sem rumo? As pessoas buscam o melhor de si a cada momento de suas existências. Contudo, ela não pode se puxar pelos próprios cabelos, como nos aponta Bock (1999) em que afirma que o homem, colocado na visão liberal, é pensado de forma descontextualizada, cabendo a ele a responsabilidade por seu crescimento e por sua psicológica. Um homem que “puxa pelos seus cabelos e sai do pântano por um esforço próprio”. Um homem que é dotado de capacidades e possibilidades que lhe são inerentes, naturais. Um homem dotado de uma natureza humana que lhe garante, se desenvolvida adequadamente, ricas e variadas possibilidades. A sociedade é apenas o lócus de desenvolvimento do homem. É vista como algo que contribui ou impede o desenvolvimento dos aspectos naturais do homem. Cabe a cada um o esforço necessário para que a sociedade seja um espaço de incentivo ao seu desenvolvimento. As condições estão dadas, cabe a cada um aproveitá-las.

Ao que parece, vive-se sob um imenso ofuscamento, no qual a realidade se desenha como um produto das escolhas das pessoas, bastando, dessa maneira, escolher esse ou aquele caminho... essa ou aquela conduta. É preciso enxergar para além dessas primeiras camadas do real.

## 4 3ª QUESTÃO NORTEADORA: OS FIOS QUE ENREDAM O DRAMA – UMA TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA

O cenário é a Europa no início do século XX. O que se vê é uma sociedade desamparada e sem nenhum horizonte: altíssima inflação, miséria e fome como que saltadas de um livro de E. Zola ou V. Hugo. A apropriação ideológica das discussões produzidas pelas ciências sociais polariza o mundo em esquerda

e direita. A esquerda proclama que existe um sistema superior ao capitalismo e instaura no leste europeu, uma estrondosa revolução em outubro de 1917. Nos Estados Unidos, por entre percalços de um crescente abismo econômico, se eleva um sistema liberal, que põe todas as fichas do jogo na mão invisível do mercado (A. Smith, a Riqueza das nações) como um espólio das visões iluministas que se converteu, em largos passos, nessa utopia auto organizadora denominada economia de mercado. A Europa, como o deus Janus <sup>3</sup> estava assombrada e abandonada, olhando nessas direções. Surgem os primeiros refugiados do século XX. Os ricos fugiram: para África e América Latina. Nessa diáspora, levavam consigo a esperança de, após passar pelas escalas intermediárias, chegariam á meca moderna, de uma nova religião em que a divindade se traduzia pela produtividade e pelo consumo.

E o mundo atravessa o século XX, por entre revoluções, guerras, catástrofes, se perguntando: Qual é a solução para essa miserável humanidade? (a era dos extremos)

Quando se repisa os efeitos da perplexidade ante a miséria do mundo, a cena do mais alto nível de desespero se materializa no grito de uma mulher muçulmana.

Findada a 2ª Grande guerra, nasce em 1947 e é conduzido a um assentamento no território nascente da nação Israel. A vida se resumia a habitações de lonas, água racionada e pouca comida, brincadeiras solitárias no deserto em que, os únicos companheiros eram as cobras, os lagartos e os escorpiões. A volta do Pai, separado temporariamente, ocorre em meio as lutas entre árabes e ingleses, em que sons de bombas e granadas compunham um trágico e desolador cenário. A passagem do acampamento para um estábulo de camelos ampliou as possibilidades, pela sensação de que um pouco de espaço com cobertura permanente parece um bom presságio.

Em 1953, aos 6 anos, voltar para a Europa expõe uma triste realidade: uma marcha de muitas famílias sem nenhuma perspectiva, desterradas, apátridas e desenraizadas. Do porto de Marselha na França, a cidade de Berlin,

---

<sup>3</sup> Também nomeado como Jano, é um Deus de origem pré-latina e muito cultuado pelos romanos, ele é um Deus que representa a dualidade, é o porteiro celestial, Deus das Portas e Portais como também e das entradas, Senhor do sol e do dia, das indecisões e representante dos terminais e dos começos, passado e futuro e das transições. Seu mês é Janeiro, o primeiro mês do ano o qual leva seu nome, é um mês que tem em si um pouco do passado e a promessa do futuro que o início do ano marca.

um caminho longo e sofrido. A pé, de carona, de trem, em meio a noites frias e inseguras, muitas vezes em estações de metrô, quase nenhuma comida, chegam as várias famílias ao seu destino. O único espaço possível é aquele que se presta à caridade, ao alívio espiritual das penas e culpas. No galpão de uma igreja, as famílias se aninham, se instalam em raízes provisórias, marcam com giz no chão seus territórios, arremedos de pátrias. O que se vê, nessa emblemática micro-expressão do cercamentos dos campos comunais <sup>4</sup>, é o acirramento das disputas pelo que restou de esperança, um pedaço de chão. A peleja não se apoia em causas importantes. Uma luta corporal, com facada, tem seu início deflagrado pelo simples fato de uma criança invadir um território alheio. No deserto, entre escorpiões e cobras, não estava tão escancarado o que acontece quando se deixa à própria sorte pessoas sem nenhuma perspectiva. Sob o sol do deserto ou sob o teto de uma igreja o que o ser humano precisa é de um sentido para alimentar sua caminhada.

Por entre tantos descaminhos, uma ironia: os momentos mais felizes da infância serão aqueles vividos no abrigo. Cama, cobertores, banho, comida assumem a centralidade da vida e abrem os horizontes para as coisas tipicamente humanas: brincar e sonhar com a própria humanidade, para além do primeiro nível na hierarquia das necessidades <sup>5</sup> Bom, mas provisório. A sensação é natural e necessária. A humanidade é a aspiração dolorosa, anti-natural que movimenta, impulsiona, faz brotar misteriosamente o desejo. <sup>6</sup>

Quando a Alemanha resolve espalhar, o Brasil recolhe; surge como território para mais uma passagem. Nas fronteiras abertas pelo imenso oceano atlântico, o porto de Santos é a outra beira. Com roupas de retirantes, não vestimentas de turistas, as famílias caminham por entre estivadores na hora do almoço. O turista vem com um tempo. Para o turista o mais importante é a

---

4 As terras comunais inseriam-se em uma tradição econômica de utilização comunitária que remontava à Idade Média, e sua privatização representava a ruptura das relações capitalistas com o antigo mundo feudal. O senhor feudal deixava, assim, de ser o detentor da posse de terras para se tornar o seu proprietário.

5 **Hierarquia de necessidades de Maslow**, também conhecida como **pirâmide de Maslow**, é uma divisão hierárquica proposta por [Abraham Maslow](#), em que as necessidades de nível mais baixo devem ser satisfeitas antes das necessidades de nível mais alto.

6 Desejo vem do Latim DESIDERIUM, de DESIDERARE, “esperar por, desejar, ter expectativa, exigir”, cujo sentido original talvez tenha sido “esperar pelo que as estrelas trarão”, de DE SIDERE, “dos astros, a partir dos astros”.

vista que ele vai conhecer e não o caminho que ele vai percorrer, quanto mais fácil e rápido ele chegar aos locais visitados melhor. O turista mal contempla o caminho, apenas quer aproveitar a paisagem antes de voltar ao seu lugar.<sup>7</sup>

Mas aquelas famílias não eram turistas, nem peregrinos: eram retirantes<sup>8</sup>. O retirante foi cantado em verso e prosa:

Lá vai o retirante levando o boi e aflição  
Lá vai o retirante deixando o seu sertão  
Lá vai o retirante deixando o seu sertão  
Acabou-se o que ele tinha  
Vão atrás do que comer  
Só nos olhos, a água vinha  
Que é sinal do seu sofrer  
Só nos olhos, a água vinha  
Que é sinal do seu sofrer  
Mesmo triste vão cantando

---

7 Para analisar a ética e a moral do homem pós-moderno e propor caminhos mais promissores, o psicólogo Yves de La Taille comparou-o a um turista e colocou-o em oposição a um peregrino. O turista, de acordo com ele, viaja por recreação, busca apenas o prazer, não dá atenção à situação social do local que visita e muito menos às pessoas que lá estão apenas para servi-lo. Raramente traz de volta uma experiência de vida. Para o turista, pouco importa o caminho. O tempo da viagem é um hiato, um tempo perdido, programado, quando geralmente ele dorme. A programação do turista é prévia: ele quer conhecer partes, em tempos corretos, e nada pode dar errado. Sua viagem, em geral, nada tem a ver com o momento que está vivendo, antes e depois das férias. Já o peregrino, segundo De La Taille, viaja porque tem um querer, busca alguma coisa, uma identidade. Escreve um diário e traz da sua viagem uma experiência. Para ele, a ida e a volta são lentas e importantes, o caminhar tem seu valor. O peregrino não busca o prazer, mas a alegria. Enquanto o turista espera, o peregrino quer. “Que cidadãos estamos reproduzindo na escola, turistas ou peregrinos?”, pergunta De La Taille, acreditando ser a primeira opção a resposta. Para ele, vivemos numa era de fragmentação, tanto de tempos como de espaços. “Nosso tempo é uma sequência de pequenas urgências”, argumentou. O celular, que o psicólogo fez questão de dizer que não tem, e o e-mail, da forma como são utilizados, são os exemplos máximos desse tipo de fragmentação. “Vivemos a ditadura do prazer numa época em que a ordem é comunicar-se, o que é muito diferente de estar com o outro.”

8 A seca, porém, impõe três posições importantes: o homem se lança ao crime e se torna cangaceiro; emigra pacificamente e é chamado retirante; ou então procura, em práticas supersticiosas, aplacar a fúria de Deus e se transforma em beato — sai pregando ou seguindo um pregador rústico, a fazer sacrifícios, autoflagelando-se e acaba matando ou roubando em nome de Deus.

—Pequeno dicionário de literatura brasileira[3]

Em busca de um mundo incerto  
De um a um forma-se um bando  
Deixando o sertão deserto  
De um a um forma-se um bando  
Deixando o sertão deserto  
A esperança de voltar  
Ninguém sabe quando vem  
Se chover e o sertão florar  
Voltam com os seus terem  
Se chover e o sertão florar  
Voltam com os seus terem (Jakson do Pandeiro)

Tomando posse do conceito apresentado no Pequeno Dicionário da Literatura Brasileira, “a guerra impõe três posições importantes: o homem se lança ao crime e se torna marginal; emigra pacificamente e é chamado retirante/imigrante; ou então procura, em práticas supersticiosas, aplacar a fúria de Deus e se transforma em beato — sai pregando ou seguindo um pregador rústico, a fazer sacrifícios, autoflagelando-se e acaba matando ou roubando em nome de Deus.

Eis que o retirante/imigrante se depara com o inusitado: nesse local portuário, que melhor desenha o que vem a ser fronteira, a diferença se desmancha pelo gesto solidário, puro e sem nenhuma ideologia. As grandes distâncias erigidas pela cultura se anulam quando um pobre, crendo que ao somar sua miséria com outra miséria a tornará menor, ou ressignificada quando compartilhada. A oferta de um prato de comida desata um laço; abre-se uma lacuna e uma possibilidade, numa ciranda dialética: o que é isso? Pergunta-se o pai assustado. Isso é bom! Expressa o filho, mergulhado na esperança e na satisfação imediata que o gesto promete. O medo se transforma na estrela guia quando se perde todas as referências; impulsiona o seguir adiante, arrebatando os puros de suas ingenuidades. Assim, ser judeu não parecia ser um bom cartão de visitas. O passado histórico e recente apontava para o lado oposto: ser judeu parecia ser um problema e o melhor era um novo nascimento; uma ressurreição em que o novo transsubstanciasse o velho. O novo seria a oportunidade oferecida a Noé após o dilúvio. O pai se lembrava da velha pele e se convenciu de que, apesar da dor, valeria a pena. A lembrança de duas pichações vista na Alemanha em que, de um lado da rua se lia – os judeus são aproveitadores dos sistemas financeiros – do outro lado se via – os judeus são comunistas – retroalimentava a ideia do homem novo: sem pátria, sem religião, sem ideologia.

Mas, nem o homem velho, nem as lembranças são riscadas do caderno histórico da nossa existência, ao contrário, surgem aqui e ali, nos lembrando

sempre do que fomos feitos, moldados ã ferro e fogo. Se o nosso corpo segue um caminho previsível de evolução, que nos determina pelos misteriosos acasos da fecundação e da morte, nosso ser vai se espalhando pela amplitude biográfica, não menos misteriosa, igualmente enigmática. Os encontros e desencontros, as frustrações e gratificações, os laços e desenlaces, tudo se ajunta. Os pedaços da vida, os traumas, o desespero arremessa o ser para fora de si. Essa exterioridade, essa força centrífuga é a mesma energia que traz o polo de gravidade do ser de volta, uma força de qualidade análoga, dialética, centrípeta. A exterioridade não é simples, as escolhas do pai, a resistência da mãe, o convite do rabino que desperta no menino traumatizado um valor inequívoco: o domínio da língua hebraica. O homem velho aparece travestido de homem novo. O pai está decidido e não quer olhar para trás e nem para a frente; quer olhar para as próprias mãos, que constroem barragens e cortam cantoneiras para serem transformadas em vitrôs. A mãe quer olhar para o futuro e vê no outro a chance de se reencontrar com sua gente, sua terra, sua religião.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tentar alinhar os conceitos emergentes neste ensaio, desterro, desenraizamento, refúgio, protagonismo, trajetividade, com psicologia e Direitos, humanos e internacional, a composição de um tecido de análise e síntese, direciona-se para uma imagem emblemática: ninguém nasce homem, mulher e, tampouco, refugiado. Em especial, as contribuições da fenomenologia mostram-se úteis para a compreensão do processo de se tornar refugiado, pois a própria definição de refugiado gera uma série de debates sobre aspectos objetivos e subjetivos na avaliação do que venha a ser o “fundado temor de perseguição”, bem como propicia um novo olhar sobre a intersubjetividade que se inicia na entrevista, mas não se encerra nesta, refletindo a complexa teia entre os atores internacionais. A psicóloga Carolina Moreira de Alcantara, em alusão ao dia mundial do refugiado (20 de junho) posiciona a psicologia como depositária de uma responsabilidade frente aos problemas enfrentados. A ameaça de morte, o rompimento de vínculos sociais, afetivos e a própria situação de vulnerabilidade sócio-política-econômica que os solicitantes de refúgio vivenciam desde a saída de seus países até à chegada em um novo território podem

constituir fatores de risco, levando ao sofrimento psíquico (ALCANTARA, 2018)

Perin (2014) traz a reflexão a ideia de que, no universo obscuro, no trânsito de pessoas e de documentos por entre instituições, aqueles que solicitam refúgio, a cada nova documentação que obtêm, vão sendo produzidos como sujeitos que se discriminam perante o Estado brasileiro: ou seja, passíveis de categorização e reconhecimento dentro do status jurídico de refugiado.

Assim, reúnem-se os laços entre a produção de uma ideia do que seja uma lógica internacional de direitos, o que o desalento produzido pelas guerras em forma de Direitos do Homem e os despojos de uma sociedade que se fundamentou na égide de uma suposta regulação de mercado. Os sintomas de um novo colapso humanitário estão cada vez mais explícitos.

Para não concluir, o desenlace talvez passe pela resposta que deva ser dada as futuras gerações, as nossas crianças. Qual passo a humanidade deverá dar para galgar um degrau qualitativamente superior rumo a civilização? Sem um caminho de resolução fácil, pode-se vislumbrar que passa necessariamente pela profunda compreensão dos pilares que se elevaram e sustentam a nossa própria barbárie.

## REFERÊNCIAS

ALCANTARA, Carolina Moreira de. Sobre a fenomenologia de torna-se refugiado. *Post do Conselho Regional de Psicologia 01*; DF, 2018. Disponível em <http://www.crp-01.org.br/?p=7816>.

BOCK, Ana Merces Bahia. *Aventuras do Barão de Munchhausen na psicologia*. São Paulo: Cortez; EDUC, 1999.

GALINA Vivia Fadlo, SILVA Tatiana Barbosa Bispo da, HAYDU Marcelo, MARTIN Denise. A saúde Mental dos refugiados: um olhar sobre estudos qualitativos. *Interface (Botucatu)*. 2017; 21(61):297-308.

ROEHE, Marcelo Vial, DUTRA, Elza. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. *Avances en Psicología Latinoamericana*, V. 32, N 1, pp. 105-113. 2014. doi: [dx.doi.org/10.12804/apl32.1.2014.07](https://doi.org/10.12804/apl32.1.2014.07).

PERIN, Vanessa. “Um campo de refugiados sem cercas”: etnografia de um aparato de governo de populações refugiadas. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre , v. 20, n. 41, p. 303-330, jun. 2014.

SAGLIO-YATZIMIRSKY, Marie-C.. Do relatório ao relato, da alienação ao sujeito: a experiência de uma prática clínica com refugiados em uma instituição de saúde. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 175-185, ago. 2015.

VERONESE, Marília Veríssimo; GUARESCHI, Pedrinho Arcides. Hermenêutica de profundidade na pesquisa social. *Ciências Sociais Unisinos*. V. 42, N. 2, Maio/Ago 2006.